

## O TEXTO DROGADO : UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-AMOROSA \*

Véra Motta

Entre os gêneros literários ensaísticos, encontramos, para nossa satisfação, um que mais plenamente exerceu seu domínio e vigor até o início do século XX, quando a tecnologia da comunicação ainda não alcançara o desenvolvimento que ora conhecemos, com o advento do rádio, da televisão, do computador e da Internet. É a carta, esse expediente esquecido, entre muitos de nós, mas cujo vigor e fascínio dão testemunho os amantes.

Nas comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, um desses exemplares do gênero epistolar ganhou notoriedade e vulgarizou-se entre os leitores brasileiros, graças às inúmeras adaptações feitas por historiadores, desejosos de dar a conhecer o primeiro testemunho presencial de nosso achamento: a Carta de Pero Vaz de Caminha, dirigida ao Rei D. Manuel I, “O Venturoso”. A par das inúmeras e preciosas descrições, características das narrativas de viagens quatrocentistas e quinhentistas, a Carta tem o mérito e a singularidade de situar o encontro inaugural do europeu com o outro, o nativo americano.

Foi a 22 de abril, uma quarta-feira, ao cair da tarde, que a terra se avistou, e logo os olhos europeus reconheceram uns homens, “[...] pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel ;e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas [...]”<sup>1</sup>. Trocas simbólicas, como vemos, estabelecendo um pacto que se desfaria, ao longo da história.

---

<sup>1</sup> Carta de Pero Vaz de Caminha, *Os Três Únicos Testemunhos do Descobrimento do Brasil*. Organizado por Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999, p.33

Aos primeiros que visitaram a nau do Capitão (Pedro Álvares Cabral), “[...]deram-lhes ali de comer : pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora”<sup>2</sup>.

Em sua minuciosa descrição dos fatos, Caminha relata que um deles, vendo umas contas de rosário, pediu que lhas dessem, acenando para a terra, e de novo para as contas e para o colar de ouro do Capitão, “[...] como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos”<sup>3</sup>. Uma semana e muitos encontros depois, o olhar do europeu já não se espantava diante de tamanha diferença: “E, em querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas. Trouxeram-lhe vianda e comeu. Aos hóspedes, sentaram cada um em sua cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram mui bem, especialmente lacão cozido, frio, e arroz. Não lhes deram vinho, por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem”<sup>4</sup>.

Novas aproximações trouxeram mais gente: “E parece-me que viriam, este dia, à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta. Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade”<sup>5</sup>. Esta observação, última, parece-nos preciosa, em vista dos comentários anteriores: à primeira aproximação e oferta do vinho, o outro recusa, despejando-o fora. Numa segunda oportunidade, a oferta não se materializa, posto que o sujeito reconhece, na diferença, o modo de ser do outro. Por último, a oferta se atualiza, encontrando, na suposta receptividade do outro, a identidade: desde que se acostumem, a oferta é bem-vinda. Poderíamos aqui parafrasear Caminha, afirmando que “isso tomava ele assim, por assim o desejar”.

---

<sup>2</sup> Id. ib., p.37

<sup>3</sup> Id. ib., p.37

<sup>4</sup> Id. ib., p.52

<sup>5</sup> Id. ib., p.53

Este primeiro exemplar de epístola bem poderia nos conduzir ao estabelecimento de uma alegoria, em tudo representativa da abordagem, em três tempos, do outro pela droga: primeiro, a oferta, cuja resposta é a recusa do outro inocente da droga; em seguida, a experimentação, e, por último, a adição. Deve-se ressaltar, no caso do texto do achamento, a recusa em renovar a oferta, na suposição de uma diferença, que logo sucumbe ao traço identificatório : beber o vinho é unir-se ao outro, em comunhão.

Saltemos alguns séculos, e retornemos ao solo europeu, Viena, mais precisamente, de onde Sigmund Freud, aos 28 anos de idade, e noivo de Marta Bernays, escrevia: “Também estou brincando agora com um projeto e uma esperança de que lhe falarei; talvez nada resulte disso, tampouco. É um experimento terapêutico. Tenho lido comentários sobre a cocaína, o eficaz ingrediente das folhas da coca, que indígenas de algumas tribos mascam para resistir à privação e à fadiga. Um alemão testou esse produto em soldados e relatou que ele realmente os tornou fortes e capazes de resistir. Agora encomendei um pouco e por motivos óbvios vou experimentá-lo em casos de doença do coração, depois em exaustão nervosa, especialmente no terrível estado que se segue à interrupção da morfina (como no caso do Dr. Fleischl). Talvez muitas outras pessoas já estejam fazendo experiência com ele, pode ser que não dê certo. Mas não vou deixar de experimentá-lo e, como você sabe, se a gente experimenta bastante alguma coisa e continua a desejá-la, um dia pode ter êxito. Só precisamos de um golpe de sorte dessa espécie para pensar em montar a nossa casa”<sup>6</sup>.

Nosso interesse naquilo que Ernest Jones qualificou de ‘episódio da cocaína’<sup>7</sup> vai além de tentar demonstrar o interesse científico de Freud em fazer uso do produto, pressionado, em razão do prolongado noivado com Marta, pela busca do sucesso e da fama, único meio de precipitar as tão esperadas bodas. De fato, seu intento de realizar o trabalho resulta no tão

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *Correspondência de Amor e Outras Cartas (1873-1939)*. Edição preparada por Ernst L. Freud. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, Carta de 21.04.1884, p.135

<sup>7</sup> Ver, a propósito, os comentários de Jones no capítulo 6, intitulado "O episódio da cocaína", em *Vida e Obra de Sigmund Freud*, Org. e Resumo de Lionel Trilling e Steven Marcus, Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.102 e s., e também o capítulo ix, "A Droga Mágica", em RODRIGUÉ, Emilio, *Sigmund Freud, o século da Psicanálise (1895-1995)*, São Paulo : Editora Escuta, 1995, p. 197 e s.

comentado artigo *Über Coca*<sup>8</sup>, publicado em julho de 1884, e a respeito do qual sua correspondência com a noiva realiza um extenso e detalhado acompanhamento.

Uma observação cuidadosa poderia fazer o olhar também incidir em outros fragmentos dessa novela epistolar, como na carta de 8 de junho, recolhida por Jones: “Ai de ti, minha Princesa, quando eu aí chegar. Beijar-te-ei até que voltes a ter as tuas cores rosadas e alimentar-te-ei até que estejas roliça. E se te mostrares rebelde, hás de ver quem é o mais forte – uma gentil senhorita que não come bastante ou um grande brutamontes selvagem que traz cocaína no seu corpo. Durante minha última depressão grave tornei a valer-me da cocaína e uma pequena dose levou-me às alturas e de maneira maravilhosa. No momento encontro-me ocupado em colecionar a literatura necessária a um canto de louvor a essa mágica substância”<sup>9</sup>. A 29 de junho, a caminho de encontrar a noiva, declara: “Não ficarei cansado porque estarei viajando sob a influência da coca, a fim de vencer minha terrível impaciência”<sup>10</sup>. Ou ainda nesta outra passagem: “Quando a carta chegou eu estava com enxaqueca, terceiro ataque esta semana, aliás, embora de um modo geral eu esteja com excelente saúde (desconfio de que foi o molho tártaro que comi no almoço no quarto de Fleischl que não me caiu bem); tomei um pouco de cocaína, vi a enxaqueca desaparecer imediatamente, continuei a escrever meu artigo bem como uma carta ao Professor Mendel, mas estava tão excitado que tive de continuar trabalhando e escrevendo e só pude dormir às 4 horas da madrugada”<sup>11</sup>.

Em Paris, convidado por Charcot para uma recepção em casa deste, Freud, na noite anterior, prepara-se: “Gravata branca e luvas brancas, até uma camisa nova, uma escovada cuidadosa do que me resta de cabelo, etc. Um pouco de cocaína para desatar minha língua”<sup>12</sup>. No dia seguinte à recepção, nova carta dá conta dos efeitos da droga sobre si, tal como esperava: “R.[icchetti] estava terrivelmente nervoso, e eu muito calmo com a ajuda de uma

---

<sup>8</sup> "Sobre a Coca", em *Freud e a cocaína*, organizado por Robert Byck, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p.63 e s.

<sup>9</sup> JONES, Ernest, *Vida e obra... op. cit.*, p.110

<sup>10</sup> *Correspondência, op. cit.*, p. 144

<sup>11</sup> Carta de 17.5.1885, em *Correspondência... op. cit.*, p.174

<sup>12</sup> Carta de 18.1.1886, em *Correspondência, op. cit.*, p.230

dose pequena de cocaína, embora seu sucesso estivesse garantido e eu tivesse razões para temer cometer alguma gafe”<sup>13</sup>.

Entre as inúmeras referências aí encontradas, destacamos, para os nossos propósitos, fragmentos de uma das últimas cartas escritas de Paris, em que o apaixonado Freud, antes de ir à recepção em casa dos Charcot, que de resto o deixava pouco confortável, escreve à amada: “A pitada de cocaína que acabei de tomar está-me pondo tagarela, minha mulherzinha. Vou continuar a escrever para comentar a sua crítica à minha miserável pessoa. Você compreende a estranheza da construção de um ser humano, realiza que as virtudes dele muitas vezes são a semente da sua queda e as faltas dele a fonte da sua felicidade? [...] Mas, se hoje fosse o meu último dia na terra e alguém me perguntasse como tinha sido a minha vida, eu lhe responderia que, apesar de tudo - pobreza, luta demorada pelo sucesso, pouca aceitação entre os homens, hipersensibilidade, nervosismo e preocupações -, não obstante fui feliz simplesmente por causa da expectativa de algum dia ter você para mim e da certeza de que você me ama [...] Você realmente me acha atraente? [...] Houve uma época em que eu era todo ambição e sede de saber [...] Agora há muito tempo sei que não sou gênio [...] Nem sequer sou muito bem dotado; toda a minha capacidade de trabalho provavelmente provém do meu temperamento e da ausência de fraquezas intelectuais importantes [...] Oh! como me estendi ! Realmente queria dizer algo bem diferente [...] Muitas vezes senti ter herdado toda a bravura e todas as paixões com que os nossos antepassados defenderam seu Templo e poderia de bom grado sacrificar a vida por um grande momento da história. E ao mesmo tempo sempre me senti desamparado e incapaz de exprimir estas paixões ardentes, mesmo com uma palavra ou um poema. De modo que sempre me contive e é isto, creio eu, que as pessoas devem ver em mim. Aqui estou, fazendo-lhe confissões tolas, meu terno amor, e realmente sem nenhuma razão, a não ser que seja a cocaína o que me faz falar tanto [...]”<sup>14</sup>.

Este é um texto possuído pela própria escritura, um texto, como tal, embriagado, assim como o intelectual, que se vê possuído por suas próprias idéias, a tal ponto que Alberto Castoldi o denomina de *texto drogado*: “O texto literário fascina porque oferece ao leitor

---

<sup>13</sup> Carta de 20.1.1886, *op. cit.*, p.233.

<sup>14</sup> Carta de 2.2.1886, *op. cit.*, p.239-43

uma superfície de formas, de figuras sobre as quais pode o olho percorrer (...), por outro lado seduz na medida em que, ao centrar a atenção do leitor em 'algo' que não lhe mostra, sobre um sentido que sempre se lhe subtrai, o atrai em direção a um vazio que o priva de seu saber e de sua própria identidade”<sup>15</sup>.

A dimensão de droga presente nos textos acima referidos ultrapassa o ato, seus efeitos e a narrativa, indo mais além de uma fenomenologia, até encontrar o elemento droga em sua função verdadeiramente poética, de elemento de construção, necessário e essencial à arquitetura da poesia<sup>16</sup>. No século XIX, o recurso à droga, no texto literário, marca a escritura no Ocidente, convertendo-se no paradigma do imaginário deste período. No âmbito intelectual, o interesse pela droga é de tal ordem que se pode estabelecer uma correlação estreita entre sonho, droga e loucura.

Na literatura brasileira do princípio do século, mais especialmente na lírica, um texto oferece-se como paradigma deste paradigma. Trata-se de *Carnaval*, de Manuel Bandeira, publicado em 1919, conjunto de poemas “sem unidade”, como declara o poeta em seu *Itinerário de Pasárgada*, alguns dos quais foram compostos no período em que o poeta, vítima de tuberculose, viveu no sanatório de Clavadel, na Suíça, para onde foi em busca de tratamento: “É um livro sem unidade. Sob o pretexto de que, no carnaval, tôdas as fantasias se permitem, admiti na coletânea uns fundos de gaveta, três ou quatro sonetos que não passam de pastiches parnasianos [...], e isto ao lado das alfinetadas dos ‘Sapos’”<sup>17</sup>. Foi a leitura desse poema, três anos depois, no Teatro Municipal de São Paulo, que aclamou Bandeira entre os vanguardistas da Semana de Arte Moderna.

Em sua trajetória crítica, Bandeira reconhece que em literatura a poesia está nas palavras, se faz com palavras e não com idéias e sentimentos, muito embora seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia: “Tomei consciência de que (...) não havia em mim aquela espécie de cadinho onde, pelo calor do sentimento, as emoções morais se transmudam em emoções

---

<sup>15</sup> G. Sertoli apud Castoldi, Alberto, *El texto drogado; dos siglos de droga y literatura*, Madrid : Anaya & Mario Muchnik, 1997, p.26 (tradução livre)

<sup>16</sup> A propósito, veja-se Projeto de minha autoria, datado de 1995, *Literatura e drogas: um projeto educacional*, desenvolvido durante minha experiência no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD.

estéticas: o metal precioso eu teria que sacá-lo a duras penas, ou melhor, a duras esperas, do pobre minério das minhas pequenas dores e ainda menores alegrias”<sup>17</sup>. São as seguintes extrações do conjunto mineral que recortamos, a fim de compor nosso mosaico do texto drogado:

*BACANAL*

(1918)

*Quero beber! Cantar asneiras  
No esto brutal das bebedeiras  
Que tudo emborca e faz em caco...  
Evoé Baco!*

*Lá se me parte a alma levada  
No torvelim da mascarada,  
A gargalhar em doudo assomo...  
Evoé Momo!*

*Lacem-na tôda, multicores,  
As serpentinas dos amôres,  
Cobras de lívidos venenos ...  
Evoé Vênus!*

*Se perguntarem : Que mais queres,  
Além de versos e mulheres? ...  
- Vinhos! ... o vinho que é o meu fraco!  
Evoé Baco!*

*O alfanje rútilo da lua,  
Por degolar a nuca nua  
Que me alucina e que eu não domo! ...  
Evoé Momo!*

*A Lira etérea, a grande Lira!...  
Por que eu extático desfira  
Em seu louvor versos obscenos.  
Evoé Vênus!*

---

<sup>17</sup> BANDEIRA, Manuel, Itinerário de Pasárgada, em *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p.72

<sup>18</sup> Id., *ibid.*, p. 49

**PIERRETTE**

*O relento hiperestesia  
O ritmo tardo de meu sangue.  
Sinto correr-me a espinha langue  
Um calefrio de histeria...*

*Gemem ondinas nos repuxos  
Das fontes. Faunos aparecem.  
E salamandras desfalecem  
Nas sarças, nos braços dos bruxos.*

*Corro à floresta: entre miríades  
De vaga-lumes, junto aos troncos,  
Gênios caprípedes e broncos  
Estupram virgens hamadriades.*

*Ergo olhos súplices : e vejo  
Ante as minhas pupilas tontas,  
No sete-estrêlo as sete pontas  
De sete espadas de desejo.*

*O sexo obsidente alucina  
A minha índole surprêsa:  
As imagens da natureza  
São um delírio de morfina*

*A minha carne complicada  
Espreita, em voluptuoso ardil,  
Alguém que tenha a alma sutil,  
Decadente, degenerada!*

*E a lua verte como uma âmbula O  
filtro erótico que assombra... Vem,  
meu Pierrot, ó minha sombra  
Cocainômana e noctâmbula!...*

O poema "Epílogo"(1919), que encerra a coletânea, revela o embriagamento do texto, o sonho e a loucura do carnaval poético:

*Eu quis um dia, como Schumann, compor  
Um carnaval todo subjetivo:  
Um carnaval em que o só motivo  
Fôsse o meu próprio ser interior...*

*Quando o acabei, - a diferença que havia!  
O de Schumann é um poema cheio de amor,  
E de frescura, e de mocidade...  
E o meu tinha a morta mortacor  
Da senilidade e da amargura...  
- O meu carnaval sem nenhuma alegria!*

Da carta ao poema, do ensaio à lírica, do ano de 1500 aos nossos dias, faz-se presente o elemento que subtrai o sentido do dito ao leitor, atraindo-o para aquela região em que o sujeito não sabe que sabe, fascinando-o e seduzindo-o, enfim. Esta é a droga que impele à poesia. Assim a tomamos, por assim o desejarmos.

---

\* Este texto foi concebido para compor a Mesa-Redonda de inauguração do PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, prevista para ser realizada no dia 22/03/2000.